

**CEDI Centro Ecumênico
de Documentação e Informação**

TEXTO PROVISÓRIO
CIRCULAÇÃO RESTRITA

Subsídios para a reunião Prelazia S.Félix - OPAN sobre Karajá. Dias 09 e 10
de agosto 1982 - São Félix Araguaia (MT)

André Amaral CEDI SP

Quem são os Karajá ?

Os Karajá formam uma nação indígena de aproximadamente 1700 indivíduos distribuídos em 18 aldeias ou grupos locais, espalhados ao longo de quase 800 km do Araguaia. Estas aldeias vão desde Aruanã (GO) até Xambioá (PA). Os Karajá se dividem em sub-grupos que apresentam entre si pequenas diferenças culturais, linguísticas e na sua história de contato com os brancos. São os seguintes os grupos que formam a nação Karajá : Javaé (vivem na margem do rio Javaés), Xambioá (no "bico" de Goiás) e Karajá (ao longo do Araguaia principalmente na altura da Ilha do Bananal).

O contato com a sociedade brasileira :

A atribulada história de contato dos Karajá começa no século XVIII quando suas aldeias da Ilha do Bananal foram assaltadas por bandeirantes paulistas e os sobreviventes trazidos para São Paulo para serem vendidos como escravos. Como as hostilidades dos índios impediam a navegação e a ocupação da região, o governo provincial resolve mudar a sua política indigenista. A partir do século XIX passou-se a aldear os Javaé e Karajá em colônias dirigidas por militares ou por religiosos. Estas colônias estavam localizadas bem longe do Araguaia. Esses aldeamentos fracassaram devido às tentativas de fuga, massacres promovidos pelas guarnições encarregadas de vigiar os índios e impedi-los de voltar para o mato, doenças, epidemias, etc. Alguns Karajá e Javaé ainda se encontram vivendo atualmente em Rubiataba, local do famoso aldeamento do Carretão. Ainda no século XIX o Araguaia assume importância comercial com as tentativas de Couto de Magalhães (presidente

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

2

da província)de utiliza-lo como como meio de comunicação com o Pará. Com a população rarefeita, interessava ao governo também a mão de obra do índio. São fundados colégios (internatos) para se educarem as crianças indígenas. Os índios se empregam como práticos do rio (guias, remadores, etc) a serviço dos comerciantes e iniciam uma nova fase do convívio, agora permanente, das duas sociedades. Mas o Araguaia não se afirma como meio de transporte, o comércio acaba, o colégio é fechado, a companhia de navegação a vapor fecha, etc. No início do século o Araguaia volta à normalidade. Com o término do grande comércio os Karajã voltam à "solidão de suas praias". No entanto, alguns grupos manterão, daqui para frente, um comércio ininterrupto de bens e serviços com os decadentes povoados ribeirinhos. A partir do início deste século é que importantes mudanças vão ocorrer na vida dos Karajã. No rastro das epidemias que causaram enorme mortandade e o desaparecimento de muitas aldeias vão chegar, primeiramente, os missionários protestantes e depois os missionários dominicanos de Conceição do Araguaia. Os primeiros vão procurar reunir os pequenos grupos nômades em aldeias maiores e a convencê-los a abandonar as "vagabundagem das praias". Os Karajã, necessitados do auxílio contra doenças e procurando proximidade com os brancos aceitam a proteção oferecida. Nesta época, os grupos que viviam no interior da Ilha e nos tributários do Araguaia se dirigem ao seu curso principal. Buscavam remédios e negócios. A partir da década de 40 já negociavam o pescado, principalmente as mantas de pirarucú salgadas, com comerciantes e regatões da região. Karajãs que buscavam contato e missionários que procuravam ovelhas para seu rebanho encontraram-se em Fontoura (Missão Adventista) e Macaúba (Missão Novas Tribos do Brasil).

Getúlio Vargas, S.P.I. e cartões postais :

Getúlio Vargas foi passar férias na Ilha do Bananal, em meio à 2ª Guerra Mundial. Gostou tanto do local e achou as crianças

Rua Cosme Velho, 98, fundos
tel 2055197 CEP 22241 Rio de Janeiro RJ

Av. Higienópolis, 983
tel 667273 CEP 01238 São Paulo SP

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

3

tão bonitinhas que resolveu ajudar os índios : institui salários para os caciques e faz com que o S.P.I. funde, ainda nesta década, dois Postos Indígenas para os Karajã (Santa Isabel e "Carajã do Sul" em Aruanã). Como os missionários, o S.P.I. também vai procurar juntar o maior número possível de índios nas aldeias próximas ao Posto. Assim, evitava-se os conflitos que os índios mantinham com a população regional que ocupava as "barreiras" à beira do Araguaia aonde os Karajã tinham suas roças e aldeias, além de aumentar o prestígio do chefe de posto que reúne bastante índios sob sua administração. Já os Javaé começaram a se dirigir ao rio homônimo quando começaram os atritos com garimpeiros da região leste da Ilha do Bananal e a briga com criadores que se apossavam de suas aldeias.. Começaram a se reunir nos postos da FUNAI a partir de 1960-70. Em 1973, com a reunião de quase todas as aldeias em Canoanã o processo parecia ter se completado. Os Xambioá, que eram considerados os mais ferozes e o mais numeroso dos tres grupos, foram exterminados a bala ou por doenças a partir do início do século.

Além dos missionários, dos chefes de Postos, da pinga, das doenças os Karajã vão ter, a partir do final da década de 40 e início de 50 mais um problema : o turismo. A partir desta época o Araguaia será visitado por reporteres à caça de material sobre o primitivismo dos nossos índios, fotógrafos, turistas, pescadores, espertalhões, etc. A proximidade de Goiânia e Goiás fazia-os acessíveis e a sua aparente "integridade cultural" tornava os Karajã parte da "cor local", como as garças ou as piranhas. Serão transformados em cartões postais, reportagens coloridas em "O CRUZEIRO", etc. No turismo os Karajã se empregam como criados, guias e se acabam por se tornar parceiros dos turistas em intermináveis cachaçadas.

A FUNAI continuou o trabalho do SPI. O Parque Indígena do Araguaia, fundado em 1971, teve suas terras alugadas pela FUNAI aos posseiros que já pagavam aluguel ao CNPI. Iniciou a criação de gado nas terras indígenas e deu todo apoio às roças comunitárias e demais projetos de desenvolvimento, onde o índio era pago para trabalhar naquilo que era "do índio mesmo".

Os Karajã hoje :

Rua Cosme Velho, 98, fundos
tel 2055197 CEP 22241 Rio de Janeiro RJ

Av. Higienópolis, 983
tel 667273 CEP 01238 São Paulo SP

Os Karajá, hoje :

Hoje os Karajá não já não sofrem um impacto tão grande com a civilização. Apesar de que a ocupação da Amazonia nos anos 70 (governo Médice "integrar para não entregar") tenha aumentado a disputa das terras dos Karajá, a ocupação dos campos marginais do Araguaia pelos criadores já tinha se iniciado em épocas anteriores. Somente os Javaé é que sofreram mais nessa época. Os Karajá já tinham deixado de serem cartões postais para se tornarem obstáculos para fazendeiros. Diversos grupos que se recusaram a abandonar suas terras tradicionais e a se dirigirem para o PQ ARA foram expropriados por fazendeiros e demais grileiros (como em Aruanã e PL Alves) ou estão na iminência de perder o pouco que lhes resta (como em Luciara). Os Karajá e Javaé que vivem dentro do Parque Indígena, mas fora dos Postos, tem que enfrentar os posseiros e fazendeiros que alugam sua terra. O gado pisoteia suas roças e a FUNAI não vê nada. Todos os Karajá e Javaé sofrem pressões do IBDF para que não pesquem na sua área tradicional, as lagoas e furos da parte norte da Ilha do Bananal. Mas a pesca ainda é a base do sustento dos Karajá. Pescam à maneira tradicional ou com redes (o que é proibido) e motor. Alguns regatões se utilizam de índios para pescarem nas terras do PQ ARA, aonde o branco não pode pescar.

Poderia-se enumerar os maiores problemas atuais dos Karajá : invasão e o arrendamento do PQ ARA; invasão do PQ ARA por turistas e pescadores profissionais que acabam com o peixe; aeroporto e VOTEC; a localização da base militar ao lado da aldeia de Santa Isabel; pressões do IBDF para terminar com a pesca na parte norte da Ilha e ao longo do Araguaia e do Javaés; pressões de fazendeiros e posseiros para que as aldeias localizadas dentro do Parque deixem de existir e a indiferença da FUNAI perante a situação dos Karajá que não vivem nos Postos Indígenas; problema dos limites do PNA e a demarcação da área da aldeia Barreira da Cruz; problemas de saúde das aldeias que não recebem assistência da FUNAI; destino do Hotel JK e sua reativação/criação de gado do DGPI nas terras do Parque ; defesa das terras dos Karajá que não recebem assistência da FUNAI e outros problemas.

O início da reação Karajá :

Desde a década de 70, as lideranças Javaé e Karajá tem observado com muito cuidado

Rua Cosme Velho, 98, fundos
tel 2055197 CEP 22241 Rio de Janeiro RJ

Av. Higienópolis, 983
tel 667273 CEP 01238 São Paulo SP

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

5

as invasões de seu território. Os Javaé já chegaram, inclusive, a advertir os posseiros de P Piauí para abandonarem suas terras e já se chegou a pensar em realocação dos posseiros que vivem próximos aos Javaé. Algumas aldeias que foram abandonadas estão sendo reocupadas para não se perder a terra e controlar as derrubadas da mata nativa. Outras aldeias, como Barreira da Cruz, "teimam" em existir apesar das tramóias feitas na divisão da Ilha entre o PNA e o PIA e que colocaram diversas aldeias na "ilegalidade" (como Macaúba e B da Cruz).

A Ilha já foi dividida entre os Karajá e Javaé, cabendo a cada grupo controlar as invasões na sua area. Há muito tempo também que os Karajá tencionam se apossar de todos cargos (de direção a braçal) do PIA e a "nacionalizar" estes empregos.

Os estudantes de Brasília também articulam a divulgação dos problemas de seus irmãos e a entrega de abaixo-assinados das lideranças da Ilha contra a permanência dos posseiros na Ilha, contra o aluguel da FUNAI, etc. Mas estas tentativas de se liberarem dos "negócios" da FUNAI não surtem o efeito esperado. Talvez porque falte o necessário apoio por parte das aldeias. Talvez pelo controle implacável exercido pelo sub-oficial José Tempone, diretor do Parque e ex-comandante do destacamento da FAB na Ilha. Talvez pela dependencia de grande número de famílias dos empregos que o Posto gera (vaqueiro, atendente, chefe P.I., motoristas, tratoristas, piloto de voadeira, ex-GRIN's, monitores, braçais, empregadas na limpeza, etc) ou pelo dinheiro que ele libera (na compra de artesanato, de peixe e de sal e nos projetos de desenvolvimento comunitário ou através do custeio dos estudos em SFélix ou Goiânia). Mas apesar de enredados pelo empreguismo da FUNAI, a paciência dos Karajá tem limites e um dos maiores "termômetros" para se medir o desespero perante as condições de vida que encontram seja o alcoolismo que grassa em todas as aldeias, especialmente as mais espoliadas pela FUNAI e pelos civilizados.

Apesar da espoliação material a que estão submetidos os Karajá não deixaram de existir como povo, como cultura, como etnia e como uma realidade social à parte da realidade regional. A identificação do mundo Karajá se faz por canais próprios à cultura desses índios : a manutenção das festas "nacionais" Karajá (como a festa da casa grande e a dança de Idjassós, mascaras) e a intensa circulação de indivíduos pelas várias aldeias que constituem o mundo físico Karajá. Os Karajá se mantêm como povo mais pela manutenção conservadora de elementos culturais que por uma atitude ativa na defesa das suas terras e direitos como povo.

<u>Aldeias/ Grupos locais :</u>	<u>População :</u>	<u>Agências contato permanente :</u>	<u>Situação da terra :</u>	<u>Conflito permanente :</u>	<u>Atividade básica de subsistência :</u>	<u>Saúde.Situação e atendimento :</u>
<u>Karaja</u>						
Aruanã	26 (1)	MA	não tem	-	pes/tur/art/ser	ruim MA
Mata Corã	04 (1)	-	não tem	(?)	pes/tur/art (?)	MA
Cocalinho	05 (1)	-	não tem	(?)	pes/tur/art (?)	MA
PL Alves	24 (1)	-	não tem	fazendeiro	pes/tur/art	ruim MA
B Mirindiba	24 (1)	-	PQ ARA	poss/	pes/tur/prost	ruim -
S Isabel	322 (2)	FUNAI	PQ ARA	poss/	pes/art/roça	- FUNAI
Fontoura	364 (2)	FUNAI/ MA	PQ ARA	poss/	pes/roça/art	- FUNAI/MA
Luciara	65 (3)	PSF	parcial/ invad.	poss/	pes/art/roça	ruim PSF (?)
B Tapirapê	102 (4)	FUNAI/IJ	demarcada	-	pes/art/roça	- FUNAI/IJ
Macaúba	204 (2)	FUNAI/MNTB	PQ ARA	IBDF/poss	pes/art/roça	- FUNAI
L Grande	20 (1)	-	não tem	-	pes/ser	ruim MA
Santana Arag	50 (5)	FUNAI	parcial/ invad.	(?)	pes/art/roça (?)	- FUNAI (?) /MA
B Campo	15 (1)	-	não tem	(?)	ser	ruim MA
<u>Javaé</u>						
B Pequi	11 (1)	-	PQ ARA	poss/	pes/tur/roça	- FUNAI
Ariuarí	(?)	-	PQ ARA	(?)	pes/ser/roça (?)	-
Canoanã	351 (2)	FUNAI	PQ ARA	poss/tur	pes/roça	- FUNAI
B Cruz	48 (6)	-	PQ ARA	poss/IBDF	pes/roça/ser	ruim -
<u>Xambioá</u>						
Xambioá	60 (5)	FUNAI	demarcada	(?)	(?)	- FUNAI

Convenções :

População : (1) A.Toral 1978(2) FUNAI 1980 apud RADAM (3)A.Toral 1981 (4)Irmãzinhas 1977 (5)FUNAI 1976 (6) Müller 1982

Agênc.contat. perman. : Postos da FUNAI ou de Missões que operam em caráter permanente.IJ = Irmãzinhas;MA = Missão Adventista;PSF= Prel.São Félix; MNTB = Missão Novas Tribos do Brasil;Terra : os conflitos permanentes se referem aos conflitos de terra e não pesca. Sobre situação PQ ARA : ver introdução; Ativ. Subsistência : pes= pesca p/consumo e venda;tur=turismo;ser= serviços : peão, const. civil,lavadeiras,cuidando gado

Aldeias/ Grupos locais : Tipo de inserção Existencia casa Participação em
 Mercado regional : dos homens : assembléias de
 lideranças, do
 CIMI, entidades
 de apoio, etc : Distância aproxima-
 da de São Félix (em
 km):

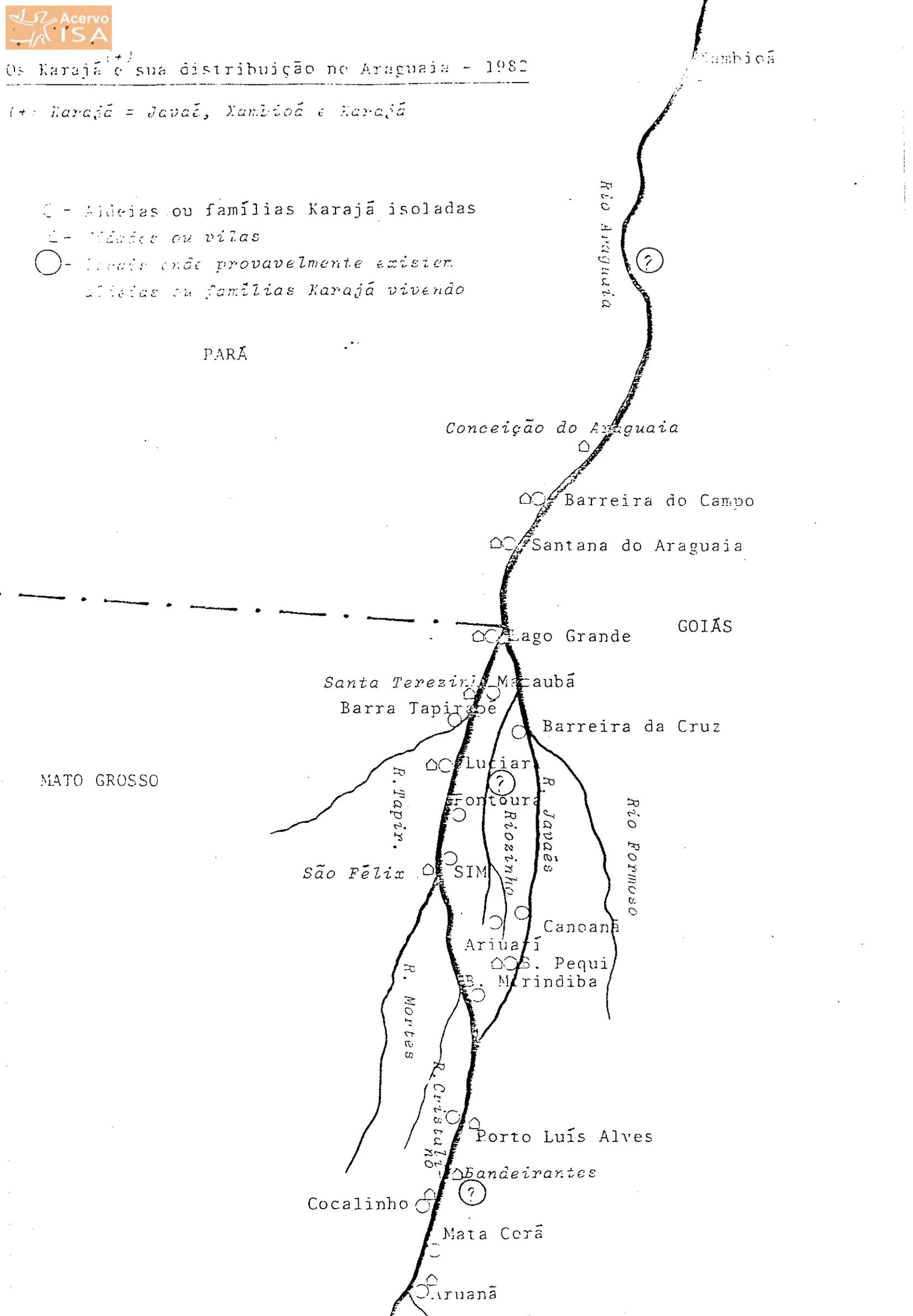
<u>Karajá</u>				
Aruanã	pesc/braç/tur/art	não	não	350
Mata Corã	pesc/tur/ ? /art	não	não	310
Cocalinho	pesc/tur/ ? /art	não	não	280
PL Alves	pesc/braç/tur/art	não	não	200
B Mirindiba	braç/tur	não	não	80
S Isabel	pesc/braç/tur/art	sim	sim	6
Fontoura	pesc/art	sim	sim	50
Luciara	art/braç/tur/pesc	não	sim	60
B Tapirapê	art/pesc/tur	sim	sim	110
Macaúba	art/pesc/	sim	sim	150
L Grande	pesc/braç/art	não	não	190
Santana Araguaia	pesc/art/ ? /	?	?	280
B Campo	braçal/art	não	não	320
<u>Javaé</u>				
B Pequi	pesc/art	não	não	
Ariuari	braçal	não	não	
Canoanã	pesc/art	sim	sim	
B Cruz	pesc/braçal	sim	não	
<u>Xambioá</u>				
Xambioá	?	?		600

Convenções : art/ = artesanato para venda ARTÍNDIA ou regionais, turistas, etc;Braç/= atividades braçais em
 geral (lavadeiras, peões, construção civil, prostituição, etc);Tur/=empregos originários do turismo (guias,
 remadores, pescadores,etc);Pesc/= desde pesca com métodos tradicionais p/ venda em cidades até pesca profis-
 sional (voadeira e frígorífico) p/ venda regatões,comerciantes ou em Brasília e Goiania.

Os Karajá e sua distribuição no Araguaia - 1982

(+ = Karajá = Javáẽ, Xambioã e Karajá

- - Aldeias ou famílias Karajá isoladas
- △ - Médios ou vilas
- (with question mark) - Locais onde provavelmente existem aldeias ou famílias Karajá vivendo



PARÁ

GOIÁS

MATO GROSSO

Rio Araguaia

Xambioã

Conceição do Araguaia

Barreira do Campo

Santana do Araguaia

Lago Grande

Santa Terezinha

Barra Tapirapé

Barreira da Cruz

Lutar

Fronteira

São Félix

SIM

Canoana

Ariuaí

B. Pequira

B. Marindiba

Porto Luís Alves

Bandeirantes

Cocalinho

Mata Corã

Aruaná

R. Papiã

R. Mortes

R. Cristalino

R. Javáẽs

R. Rosinha

Rio Formoso

cedi

Relação de material Karajá (Karajá, Javaé e Xambioá) em julho de 1982 :

Karajá :

- Toral, André Amaral : Os grupos Karajá não assistidos pela Fundação Nacional do Índio (1980). 1ª parte. Descendo o Araguaia : de Aruanã (GO) a Barreira do Campo (PA). Levantamento dos grupos e a sua situação na época.
- : Histórico e situação atual dos Karajá de Luciara (1980 e 1981).
- Caldas Júnior, Antonio Luiz : Relatório provisório da visita do médico à aldeia Karajá de Luciara (1981)
- : Problemas principais de saúde (casa por casa)
- : Uso de medicamentos (instruções)
- : Fichas Médicas individuais dos Karajá de Luciara
- Alford, Margaret Ruth : Relatório de atuação no Programa alfabetização bilíngue (Convenio S.I.L.-Museu Nacional-FUNAI). A partir de outubro de 1973 até agosto de 1977.
- Fortune, David Lee : Gramática Karajá : um Estudo preliminar em forma transformacional in : Série linguística Nº 1 , 1973. Publicação do S.I.L. Brasília 1973.
- Beltrão, Jane Felipe : Relatório de tres páginas sobre o Hotel J.F. Kennedy (Interno FUNAI : de antropólogo de DGPC ao chefe da DEP) 1976.

Karajá (continuação):

Dietschy, Hans : Graus de idade entre os Karajá do Brasil Central in
Revista de Antropologia. Vol.21(1ª parte) U.S.P.-F.F.L.C.H. 1978

Sistema de Informações sobre as áreas indígenas (S.A.I.): Resultados
da aplicação do SAI no PQARA. Boletins de Cadatramento de Fostos Indí-
genas. Avaliação da implantação do SAI, feito pelos próprios estudantes
do Projeto Rondon que aplicaram os formulários. 1980.

Baldus, Herbert : Tribos da bacia da bacia do Araguaia e o Serviço
de Proteção aos índios. Revista do Museu Paulista, Nova Série, Volu-
me II, São Paulo 1948.

Javaé :

Müller, Regina Polo : Relatório sobre a situação dos Javaé de Bôto Velho (Barreira da Cruz ou Inywébohoná mahadú). Relatório interno FUNAI (de antropólogo do DDC/ DGO para Diretor DGO). Trata da necessidade de redefinição de limites do PIA com o PNA em função da ocupação da área pelo grupo da aldeia de Bôto Velho. 1981.

Toral, Andre Amaral : Os Javaé e a defesa de sua terra in A Questão da Terra-Cadernos da Comissão Pró Índio São Paulo Nº1. Global Editora São Paulo 1981

Toral, Andre Amaral : A morte na vida ritual dos Javaé. Introdução ao estudo da vida ritual e da estrutura social dos Javaé e dos Karajá.

Javaé e Karajá :

Lazarin, Rita Heloísa de Almeida : Relatório sobre os índios do Carretão. Interno FUNAI ; encaminhado da DEF ao DGFC. Trata dos remanescentes Karajá e Javaé reunidos, pelo governo provincial, em colonias ou aldeamentos fundados durante os séculos XVIII e XIX, próximos à atual cidade de Rubiataba (GO).

Chaim, Marivone Matos : Os aldeamentos Indígenas na capitania de Goiás. Política Indigenista adotada na capitania de Goiás durante os séculos XVIII e XIX, especialmente sobre a política de aldeamento que atingiu aos Javaé, Karajá e Acuem (Xavante e Xerente). Editora Oriente, Goiânia 1974.

Parque Indígena do Araguaia e Parque Nacional do Araguaia :

Decretos de criação e de retificação de limites. Temos os Xerox dos Decretos publicados no Diário Oficial da União :

Número do Decreto :	Data :	Função :
47.570	31/12/59	Cria o PNA
68.873	5/7/71	Retifica área PNA
69.263	22/9/71	Cria o PIA
69.263	22/9/71	Retifica área PIA
71.879	1/3/73	Retifica área PNA
84.844	24/6/80	Retifica limites PIA e PNA

Acompanha um mapa da FUNAI que dá a história das alterações das áreas do PIA e PNA.

Mapas (PIA e PNA) :

Mapa do Parque Nacional do Araguaia (M.A.-I.B.D.F.) segundo definido nos decretos Nº 68.873/71 e 71.879/73

Mapa da "Ilha do Bananal ou de Santana". Autoria : pe. Faliero Bonci. Plota os principais núcleos de posseiros e arrendatarios do PIA e PNA. Data : atualizado até a data da saída de Faliero da Equipe que assistia ao Porto Piauí (1980-81 ?)

Mapa da Ilha do Bananal. Sem autoria, sem data. Plota os núcleos de posseiros e arrendatários localizados nas margens dos rios Javaés, Araguaia e rios interiores à Ilha. Provavelmente foi feito pelos fiscais da FUNAI na Ilha. Assinala também as trilhas, estradas e a distancia de um núcleo (ou aldeia) a outro.

Mapa da Ilha do Bananal. Contém as mesmas informações do anterior. Trata-se provavelmente de uma cópia do anterior. Contém, à margem, anotações provavelmente feitas por Müller, R.